

Sexualidade e Relação de Gênero



Denise Pereira
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 1)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-047-6

DOI 10.22533/at.ed.476191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO:

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	9
JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA	
Maria Irene Delbone Haddad	
Rogério Delbone Haddad	
DOI 10.22533/at.ed.4761916011	
CAPÍTULO 2	16
O DIREITO NÃO SOCORRE A QUEM EXPRESSA SUA SEXUALIDADE? ASSIMETRIAS JURÍDICAS ACERCA DAS MANIFESTAÇÕES DO SEXO NOS ÂMBITOS LEGISLATIVO E JUDICIÁRIO BRASILEIROS	
Fábio Periandro de Almeida Hirsch	
José Euclimar Xavier de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.4761916012	
CAPÍTULO 3	26
PROTEÇÃO PARA QUEM? LEI MARIA DA PENHA E AS MULHERES TRANS	
Saskya Miranda Lopes	
Bianca Muniz Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4761916013	
CAPÍTULO 4	34
SEXUALIDADE DESVIANTE DE MARIA: UM CASO DE PERVERSÃO FEMININA	
Joice Cordeiro Dos Santos	
Giseli Monteiro Gagliotto	
DOI 10.22533/at.ed.4761916014	
CAPÍTULO 5	46
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER: ATENDIMENTO NAS UNIDADES DE SAÚDE DO ESTADO DE RORAIMA	
Denison Lopes da silva	
DOI 10.22533/at.ed.4761916015	
CAPÍTULO 6	56
A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES POR MEIO DA EDUCAÇÃO: GARANTIA DE DIREITOS E AS COTAS NA UNIVERSIDADE	
Grazielly dos Santos Germano	
Kênia Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4761916016	
CAPÍTULO 7	70
AS AÇÕES DE REQUALIFICAÇÃO CIVIL DE PESSOAS TRANSEXUAIS E O PAPEL DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (DPRJ)	
Mably Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.4761916017	

CAPÍTULO 8 86

ATIVISMO E MARCOS LEGAL DA POPULAÇÃO LGBTQBTI: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alberto Magalhães Pires
Carla Andreia Alves de Andrade
Charles Jefferson Cavalcanti da Silva
Esmeraldo Rodrigues de Lima Neto
Taiwana Batista Buarque Lira
Silvania Lucia da Silva Carrilho

DOI 10.22533/at.ed.4761916018

CAPÍTULO 9 95

A LEGALIDADE E LEGITIMIDADE DA APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA NOS CASOS EM QUE FIGURE COMO VÍTIMA TRANSEXUAIS QUE MODIFICARAM SEU GÊNERO NO REGISTRO CIVIL SEM A REALIZAÇÃO DA NEOCOLPOVULVOPLASTIA

Alisson Carvalho Ferreira Lima
Naiana Zaiden Rezende Souza

DOI 10.22533/at.ed.4761916019

CAPÍTULO 10 106

BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ

Thaís Vieira Gaudard Curcio
Nivia Valença Barros
Joice da Silva Brum

DOI 10.22533/at.ed.47619160110

CAPÍTULO 11 119

DIREITOS LGBT EM PALCO DE DISPUTAS

Thaís Vieira Gaudard Curcio
Nívia Valença Barros

DOI 10.22533/at.ed.47619160111

CAPÍTULO 12 130

EMBATE DE MINORIAS: A IDENTIDADE DE GÊNERO NO SISTEMA PRISIONAL

Leandro Leite
Verônica Gesser
Bruna Roberta Wessner Longen
Everaldo de Souza

DOI 10.22533/at.ed.47619160112

CAPÍTULO 13 141

FEMINISMOS, DEFICIÊNCIAS E DIREITOS DAS MULHERES SURDAS

Keli Krause
Laura Cecilia López

DOI 10.22533/at.ed.47619160113

CAPÍTULO 14 150

NORMATIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NOS DISCURSOS MÉDICOS EUROPEUS A PARTIR DO SÉCULO XVIII: A PROSTITUTA, UMA “ESPÉCIE SEXUAL”

Daniela Nunes do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.47619160114

CAPÍTULO 15	162
PODEMOS CONTAR? A POTÊNCIA DA NARRATIVA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA E DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO	
Luanna Calasans de Souza Santana Márcia Santana Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.47619160115	
CAPÍTULO 16	169
BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ	
Joice da Silva Brum Nivia Valença Barros Thaís Vieira Gaudard Curcio	
DOI 10.22533/at.ed.47619160116	
CAPÍTULO 17	175
A VIOLÊNCIA SOBRE OS CORPOS INFANTO-JUVENIS NA BAHIA, FEIRA DE SANTANA E SALVADOR, 1940-1960	
Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.47619160117	
CAPÍTULO 18	1822
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PENSANDO NO AGRESSOR	
Gabriela Alano Pamplona Perla Alves Martins Lima Adan Renê Pereira da Silva Sharlenny Santos Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.47619160118	
CAPÍTULO 19	198
PERCEPÇÕES DE MULHERES DA MESMA FAMÍLIA E DE DIFERENTES GERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Michelle Araújo Moreira Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.47619160119	
CAPÍTULO 20	212
SEXO ABRIGADO: CUIDADOS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	
Milena Vaz Sampaio Santos Jeane Freitas de Oliveira Carle Porcino Dejeane de Oliveira Silva Lorena Cardoso Mangabeira Campos	
DOI 10.22533/at.ed.47619160120	
CAPÍTULO 21	220
REFLEXÕES ACERCA DA FALÁCIA DO BINARISMO ENTRE MASCULINO E FEMININO EM O MUNDO SE DESPEDAÇA	
Ilauanna Teles Silva José Carlos Felix	
DOI 10.22533/at.ed.47619160121	

PERCEPÇÕES DE MULHERES DA MESMA FAMÍLIA E DE DIFERENTES GERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Michelle Araújo Moreira

Profa Titular do Curso de Enfermagem da
Universidade Estadual de Santa Cruz
Ilhéus - Bahia

Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos

Enfermeira graduada pela Universidade Estadual
de Santa Cruz
Ilhéus - Bahia

RESUMO: A violência contra a mulher é um fenômeno mundial que acontece dentro ou fora do ambiente familiar e permanece arraigada ao longo das gerações. O estudo teve como objetivo geral: analisar as percepções de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Santa Cruz sob parecer nº 2.102.578 e desenvolvida no município de Ilhéus-Bahia, com mulheres de uma mesma família e de diferentes gerações. As participantes foram selecionadas pela **técnica de Snowball** e responderam a uma entrevista semiestruturada. O material coletado foi analisado pela **técnica** de conteúdo temática proposta por Bardin. Evidenciou-se que, as violências sofridas pelas mulheres no decorrer das suas gerações foram justificadas

por características biológicas, psicológicas e familiares que definem a mulher como ser frágil. Percebeu-se que, muitas mulheres naturalizam a violência, especialmente as gerações antecessoras, em virtude da construção familiar e geracional feita ao longo do tempo sobre a submissão feminina. Contudo, verifica-se que as novas gerações rompem mais facilmente com o ciclo de violência, demonstrando maior empoderamento social. Conclui-se que, as percepções de mulheres da mesma família e diferentes gerações sobre a violência contra a mulher são influenciadas pelas construções ideológicas, históricas e culturais vivenciadas a cada tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Violência contra a mulher, Relações familiares, Enfermagem.

ABSTRACT: Violence against women is a worldwide phenomenon that happens inside or outside the family environment and remains rooted through generations. The study had as general objective: analyze the perception of women of the same family and from different generations about violence against women. It is a qualitative, descriptive and exploratory research, approved by the Ethics Committee in Research of the Santa Cruz State University under nº 2.102.572 and developed in the town of Ilhéus-Bahia, with women of the same family and

from different generations. The participants were selected by the snowballe technique and answered a semi-structured interview. The collected material was analyzed through the content proposed by Bardin. It has become clear that violence suffered by women in the course of their generation have been justified by biological, psychological and family characteristics that define women as being fragile. It found that many women naturalize violence, especially the predecessor generations, due to the family and generational construction made throughtout the time on female submission. However, it can be observed that new generations break up the cycle of violence more easily, demonstrating more social empowerment. The conclusion is that the perceptions of women of the same family and different generations on violence against women are influenced by ideological, historical and cultural constructions experienced every time.

KEYWORDS: Violence against women, Family relationships, Nursing.

1 | INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher representa um fenômeno mundial que acomete milhares de mulheres todos os anos, sem distinção de cor/etnia, geração, classe social e/ou religião. Tal processo conceitua-se como qualquer ato violento baseado no gênero, podendo relacionar-se a opressão masculina em ambientes públicos ou privados que resultem ou possam resultar em danos físicos, psicológicos, sexuais e sociais às mulheres (SILVA; OLIVEIRA, 2015).

Sabe-se que esse grave problema social e de saúde pública acompanha a história da humanidade e tem potencialidade para provocar lesões, agravos emocionais e mentais com utilização rotineira de serviços de urgência e emergência pelas vítimas, chegando até o óbito em muitos casos (GARCIA et al., 2016).

Dessa forma, evidencia-se que a violência contra a mulher possui uma multiplicidade de fatores como os de caráter biológico, psicossocial, socioeconômico, comunitário e familiar. A convivência em um ambiente violento e a transmissibilidade de valores intergeracionais de opressão e/ou submissão no desenvolvimento dos sujeitos pode influenciar na continuidade ou não do processo de violência à mulher no seio familiar (SILVA; VALADARES; SOUZA, 2013).

De acordo com o mapa de violência, publicado em 2012, estima-se que nas últimas três décadas, houve um aumento de 217,6% na quantidade de mulheres assassinadas e vítimas de violência no país, levando o Brasil a 7ª posição no ranking de 84 países com altos índices de crimes contra a mulher. Como registrado, a natureza da violência perpassou pela física, sexual, moral e psicológica e, em 71,8% dos casos, aconteceu no ambiente intradomiciliar, tendo o cônjuge ou algum familiar como principal agressor (WAISELFISZ, 2012).

Tais dados reafirmam a cultura patriarcal, machista e androcêntrica que contribui para o aumento no número de casos de violência contra a mulher e que pode disseminar-se ao longo das gerações. Portanto, torna-se necessário entender

os mecanismos intergeracionais no seio familiar, especialmente aqueles ligados ao conjunto de heranças sociais, históricas, e culturais que determinam a desvalorização da mulher, a repetição de comportamentos violentos e o mito de soberania do homem (RAZERA; CENCI; FALCKE, 2014).

Nessa linha de pensamento, destaca-se que a motivação para o desenvolvimento da pesquisa surgiu a partir de um levantamento bibliográfico sobre a temática em bases de dados para discussão em atividades de disciplinas do curso de Graduação em Enfermagem, momento em que foram encontrados 25 artigos com objetivos distintos da proposta em tela. Posteriormente, o interesse aprofundou-se na Iniciação Científica quando se verificou que as perspectivas intergeracionais e familiares da violência contra a mulher eram pouco exploradas. Com isso, surgiram alguns questionamentos: Quais as percepções de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher? Quais as experiências ou vivências sobre violência que as mulheres de diferentes gerações possuem no seio familiar? Qual a influência familiar e geracional nas percepções de violência entre mulheres da mesma família e de diferentes gerações?

Para responder a tais indagações, definiu-se o objetivo geral: Analisar as percepções de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher e como objetivos específicos: Conhecer as percepções de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher, levantar as experiências ou vivências de mulheres da mesma família e de diferentes gerações sobre a violência contra a mulher e compreender a influência familiar e geracional nas percepções de violência entre mulheres da mesma família.

Por fim, acredita-se que o estudo possa evidenciar a influência da transmissibilidade intergeracional nas percepções da violência contra a mulher, oportunizando que profissionais da saúde e de áreas afins possam trabalhar em rede para o enfrentamento da violência e empoderamento das mulheres a partir do constructo elaborado sobre este fenômeno no espaço familiar e no decorrer das gerações.

2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Segundo Prodanov e Freitas (2013), o estudo qualitativo proporciona a exploração do objeto social, através de métodos seguros de coleta e análise dos dados, produzindo informações aprofundadas. Por sua vez, a pesquisa descritiva explica os fatos e fenômenos, proporcionando nova visão da realidade e o enfoque exploratório permite a compreensão de conteúdos pouco conhecidos, através de obras ou entrevistas com pessoas que tiveram experiências semelhantes ou análogas (AUGUSTO et al., 2014).

O estudo foi realizado no município de Ilhéus, localizado no litoral sul da Bahia. Este município possui 222.127 habitantes, sendo 94.796 mulheres (IBGE, 2010). A

escolha por este cenário deve-se ao número expressivo de casos de violência contra a mulher. De acordo com o mapa de violência publicado, em 2016, a taxa média de homicídios femininos em Ilhéus chegou a 56,8 a cada 100 mil habitantes, determinando a 61ª posição no ranking dos 150 municípios com maior taxa de assassinatos entre mulheres (WAISELFISZ, 2016).

Na atualidade, o município selecionado possui cinco órgãos que trabalham de forma direta ou indireta em defesa das mulheres em situação de violência, a exemplo da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM), do Departamento de Polícia Técnica (DPT), da Defensoria Pública Estadual, da Vigilância Epidemiológica e do Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM) em situação de violência (JÚNIOR; CERQUEIRA; SOUZA, 2012), o que demonstrou a viabilidade para a pesquisa.

As participantes foram 15 mulheres (cinco famílias distintas) que atendessem aos seguintes critérios de inclusão: ser maior de 18 anos; ter filha e neta vivas (específico para a 1ª geração); ter mãe ou sogra e filha vivas (específico para a 2ª geração); ter mãe ou sogra e avó materna ou paterna vivas (específico para a 3ª geração); residir no município de Ilhéus; ter relação de consanguinidade e/ou afetividade com as mulheres da mesma família e de gerações diferentes; conviver em proximidade física com as mulheres da mesma família e de diferentes gerações; que nunca viveram situação de violência, mas que experienciaram (viram) com outras mulheres em qualquer ambiente e/ou na mídia ou que viveram situação de violência, mas não a perceberam pelo fato de estar naturalizada no cotidiano ou que viveram situação de violência sem estar cadastrada ou frequentando algum serviço especializado de violência e que quisessem compartilhá-la.

Conseqüentemente, o critério de exclusão foi: ter alguma doença mental que impossibilitasse a participação no estudo; ser cliente cadastrada e acompanhada por serviços especializados de violência como o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

A coleta dos dados somente aconteceu após aprovação plena pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sob o parecer nº 2.102.578, sendo realizada no domicílio ou em qualquer outro lugar de escolha da depoente, de acordo com a sua prévia autorização por escrito, através do entendimento e da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Destaca-se que, para a escolha das depoentes foi utilizada a técnica de “*Snowball*”. Essa técnica é conhecida nacionalmente como “Amostragem em Bola de Neve”, “Bola de Neve” e ainda “cadeia de informantes” e refere-se a uma abordagem não probabilística utilizada em pesquisas de cunho social, onde as participantes iniciais “sementes” indicam novas participantes que, por sua vez, indicam outras participantes. A família semente indicou outras famílias próximas que se enquadrassem nos critérios de inclusão, e assim foram feitas as próximas seleções, até que fosse alcançado o objetivo ou que houvesse saturação de dados (TOMASCHEWSKI-BARLEM, 2016).

Cabe ressaltar que, no ano de 2016, algumas tríades de mulheres da mesma família e de diferentes gerações foram selecionadas para realizar uma pesquisa de iniciação científica da qual fiz parte e, especificamente, uma tríade que não foi entrevistada à época serviu como “semente” deste estudo, possibilitando a indicação de novas famílias que atendessem aos critérios de inclusão e exclusão.

A pesquisa não tinha intuito de selecionar apenas mulheres violentadas no CREAS, pois quis conhecer as percepções de mulheres (de uma forma geral) que são da mesma família e de diferentes gerações, sendo que estas podem nunca ter vivido alguma situação de violência, podem apenas ter experienciado (visto) essas situações de violência contra outras mulheres e podem ter sido violentadas diariamente, mas não ter essa percepção pelo fato do processo de violência estar naturalizado no ambiente familiar. Além disso, pesquisar vítimas cadastradas em serviços especializados envolve grande risco psicológico ou emocional, contribuindo para rememorar traumas.

Assim, após a seleção das depoentes, foi realizada uma entrevista semiestruturada contendo um perfil sociodemográfico e perguntas abertas relacionadas à temática. As entrevistas foram aplicadas individualmente para resguardar a privacidade e o sigilo das informações e foram processadas por gravador portátil.

O material empírico coletado foi analisado, através da técnica de conteúdo temática proposta por Bardin e permanecerá sob posse da pesquisadora por cinco anos. A análise das entrevistas permitiu interpretar os discursos, extraindo os conteúdos visíveis e os disfarçados, através das seguintes etapas: constituição do *corpus*, leitura flutuante, codificação e categorização (BARDIN, 2013). Ademais, para promover o anonimato das participantes e das informações adquiridas, as depoentes foram identificadas por nomes de deusas gregas.

O estudo atendeu a todas as fases da pesquisa de acordo com a Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta os estudos com seres humanos, no que tange aos princípios de autonomia, a não maleficência, a beneficência e a justiça (BRASIL, 2012).

3 | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 15 participantes do estudo caracterizavam-se por possuir faixa etária de 76 a 90 anos (1ª geração), seguidos de 47 a 63 anos (2ª geração) e 18 a 29 anos (3ª geração). Em relação à ocupação/profissão, percebeu-se que a 1ª geração apresentava mais donas de casa, a 2ª geração possuía professoras e funcionárias do setor público, e na 3ª geração, estudantes.

No que concerne à escolaridade, destacou-se que, na 1ª geração, a maioria das mulheres apresentava ensino médio completo, as da 2ª e 3ª geração possuíam ensino superior completo. No que tange ao estado civil, evidenciou-se um número expressivo de viúvas na 1ª geração, mulheres casadas na 2ª geração e solteiras na 3ª geração.

Nos aspectos relativos à cor/etnia, observou-se, na 1ª e 2ª geração, um número expressivo de mulheres que se autodeclaravam negras. Por outro lado, notou-se que, na 3ª geração, a maioria se autodeclarava não negra. No quesito religião, destacou-se um número expressivo de mulheres católicas em todas as gerações.

De posse do perfil sociodemográfico das cinco tríades, procederam-se as demais etapas da análise que se constituíram por: transcrição das entrevistas, leitura flutuante e atenta com codificação dos significados, resultando nas duas categorias descritas a seguir:

3.1 A naturalização ou rompimento da violência contra a mulher ancorada na transmissibilidade familiar e geracional

A violência contra a mulher é um fenômeno resultante de uma hegemonia machista, sexista e hierárquica, consolidada no berço da sociedade patriarcal. Ressalta-se que, o patriarcado é um dos mais antigos sistemas de dominação e exploração humana, momento em que um exerce o papel de opressor e o outro de oprimido (ELIAS, GAUER, 2014). Nesse sentido, as desigualdades existentes a partir da construção social dos gêneros podem contribuir para a naturalização da violência no âmbito do feminino (TAVARES; NERY, 2016), o que pode ser percebido a seguir:

[...] apanhava do marido dentro de casa, o que era comum. Hoje em dia, nêgo passa na rua e sente no direito de mexer com a mulher, de gritar com ela e pegar ela à força para fazer sexo sem ela ter vontade [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] antigamente as mulheres eram submissas, porém mais sábias. Hoje elas não admitem nunca que o cara vá contra elas [...] **Héstia 2ª Ger.**

[...] o homem sempre foi chefe da casa. As mulheres eram donas de casa e quem sustentava era o homem, que tem o poder do dinheiro, tem poder sobre os filhos e sobre a mulher [...] **Hera 3ª Ger.**

Visualiza-se que, as depoentes reproduzem os mecanismos do patriarcado em suas percepções geracionais e familiares sobre a violência contra a mulher, diminuindo sua própria autonomia, liberdade e protagonismo social (ROMAGNOLI; ABREU; SILVEIRA, 2013).

Por sua vez, a violência contra a mulher é justificada por pressupostos biológicos, ou seja, mulher como um ser frágil, desprovida de força física e capacidade racional, que por seu espírito doméstico tende a ser mais dominada (BANDEIRA, 2014). Assim, tais características instituídas por um modelo androcêntrico, permitiriam demarcar a violência contra a mulher como uma ação corretiva em virtude da sua natureza irracional e inferior, colocando-a como um ser subordinado às demandas e necessidades do masculino.

Acrescido a isso, as idealizações socioculturais sobre o gênero feminino sustentam e naturalizam a violência cotidiana. Muitas vezes é reservado exclusivamente à mulher

o papel de cuidado com os filhos, com o lar, com a família além de outras atividades laborais, revelando a sobrecarga emocional e física a que são submetidas e que lhes foi imputada ao longo do tempo (COSTA; LOPES; SOARES, 2014). Evidencia-se que, as violências sofridas pelas mulheres no decorrer das suas gerações são ancoradas por características biológicas, psicológicas e familiares, como percebida nos discursos a seguir:

[...] mulher só serve para cuidar da casa, dos filhos e do marido, papai falava muito isso [...] **Bia 1ª Ger.**

[...] como a mulher é um ser mais frágil, eles aproveitam disso e batem [...] **Artêmis 2ª Ger.**

[...] é da personalidade da mulher ter medo e ser mais omissa, dela pensar mais na família [...] **Afrodite 3ª Ger.**

Observa-se ainda, que as relações desiguais de poder entre os gêneros contribuem para a ampliação da violência, muitas vezes, por meio de coação, intimidação, manobras e técnicas, que podem ser naturalizadas, absorvidas e reproduzidas entre diversos sujeitos e em períodos distintos (LOURO, 2013). Tais situações podem acontecer nos ambientes públicos ou privados, tendo o segundo maior repercussão na vida das mulheres.

Ressalta-se que, no ambiente privado, a família passa a ser constituída como uma unidade de convivência entre indivíduos ligados por laços de consanguinidade e/ou afetividade (GOIS, 2014). Portanto, a família simboliza o primeiro grupo social dos sujeitos, onde os papéis sociais são ensinados e transmitidos entre as gerações (ELIAS; GAUER, 2014). Nesse espaço ocorre a construção da identidade e estabelecem-se códigos e normas, gerando condutas e comportamentos conscientes ou inconscientes (ALMEIDA; MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Dessa maneira, a naturalização da violência ou o seu rompimento enquanto ciclo denota as desigualdades nos papéis entre mulheres e homens, como apontados abaixo:

[...] mamãe criou a gente sabendo respeitar o esposo e o esposo respeitar a esposa. Porém respeitar não quer dizer submissão. Respeitei meu ex-esposo, mas quando ele tentou me bater, eu me separei [...] **Febe 1ª Ger.**

[...] aprendi na família que as mulheres nunca devem baixar a crista para os homens e sim enfrentá-los. Se não der mais certo manda embora, a mulher nunca deve ser submissa [...] **Iris 2ª Ger.**

[...] desde criança eu aprendi que isso não deve acontecer de nenhuma forma, nem verbal e nem física, que a mulher merece todo respeito, seja que idade for [...] **Astréia 3ª Ger.**

Nota-se, que as concepções e/ou percepções sobre a violência contra mulher são transmitidas de maneira intergeracional e familiar, ou seja, o material empírico é passado para as gerações mais próximas e posteriormente pode ser ou não modificado

para as gerações subsequentes (PAIXÃO et al., 2015). Dessa forma, evidencia-se que as gerações mais novas apresentam um discurso de rompimento do ciclo de violência, demonstrando maior empoderamento quando comparadas às gerações predecessoras, sobretudo porque partilham de momentos históricos e sociais de combate à violência contra a mulher no mundo (OLIVEIRA et al., 2015).

Destaca-se que, tais mudanças refletem o tempo social e político em que viveram. As mulheres da 1ª geração viveram um período de ditadura militar brasileira com extrema submissão feminina, o que dificulta que percebam a violência como algo não naturalizado. Por outro lado, a 2ª geração, “geração de transição”, conviveu com as primeiras políticas públicas que incentivavam a autonomia, o empoderamento da mulher e o rompimento do ciclo de violência, a exemplo da Política de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) e a Lei nº 11.340 (Lei Maria da Penha), o que oportunizou pensar na violência de maneira mais efetiva. Por fim, a 3ª geração ou “geração mais nova” que vivencia um processo de busca da liberdade feminina, eliminando de forma mais pujante todas as formas de violência à mulher (GONÇALVES, 2016).

Portanto, as transformações sociais contribuíram para que as gerações antecessoras tentassem impor seus construtos culturais, frutos da extrema submissão das mulheres e da desigualdade de gênero, às gerações mais novas. Entretanto, como mecanismo de resistência as imposições históricas impostas pelas gerações predecessoras, as novas gerações buscaram soluções na modernidade e demonstraram maior empoderamento (RODRIGUES; OLIVEIRA; SOARES, 2016). Evidencia-se que, cada geração apresenta uma percepção sobre a violência contra a mulher, com fragmentos ideológicos e culturais das gerações anteriores, mas delimitando ao mesmo tempo a sua individualidade (ALMEIDA; MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Assim, demonstram-se nos depoimentos abaixo, diferentes formas de se perceber o fenômeno da violência ao longo das gerações:

[...] nunca apanhei, mas estou cansada de saber que a vizinha apanhou, e na minha época a gente não podia fazer nada, eles eram casados, quem sou eu para me meter?. Penso que no casamento os dois devem se resolver sozinhos, principalmente nesse assunto [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] uma covardia. Hoje em dia está mais debatido, está bem mais abrangente e estão tendo mais conscientização, principalmente as mulheres que sofrem a violência doméstica são mais conscientes que é necessário fazer a denúncia [...] **Aura 2ª Ger.**

[...] com essa Lei Maria da Penha muitas mulheres puderam abrir as correntes, puderam falar, denunciar, fizeram com que seus maridos pagassem. Teve um grande avanço com essa lei no sentido de que a violência contra mulher não é hoje mais um tabu [...] **Hera 3ª Ger.**

Percebe-se que, a 1ª geração tem uma percepção negativa sobre a violência contra a mulher embora ainda não entenda a importância dos meios judiciais e das políticas públicas como se verifica na 2ª e 3ª geração. Fica nítido que a transmissibilidade

de informações e percepção sobre a violência contra a mulher é modificada ao longo do tempo.

Porém, nota-se que o empoderamento feminino para romper com a naturalização da violência começa a ser transmitido ao longo das gerações, o que revela novas percepções, como evidenciada a seguir:

[...] homem enquanto marido tem que respeitar sua mulher [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] aprendi que homem tem que respeitar a mulher e se ela for agredida tem que denunciar [...] **Artêmis 2ª Ger.**

[...] minha mãe falava muito que mulher tinha que ser respeitada e isso eu aprendi [...] **Afrodite 3ª Ger.**

Entende-se que, a construção igualitária dos papéis de gênero dentro da família associada à transmissibilidade adequada de valores, normas e regras de componente geracional pode contribuir para a minimização ou extirpação do fenômeno da violência contra a mulher, promovendo novas significações e mudanças no comportamento (RODRIGUES et al., 2016).

3.2 Experiências e/ou vivências geracionais de violência contra a mulher no seio familiar

O problema da violência contra a mulher apresenta multicausalidades e ocorre de forma cíclica, modificando-se apenas de acordo com o contexto sociocultural (MOREIRA et al., 2016). Sabe-se que, muitas mulheres permanecem em relações abusivas em virtude da construção familiar e geracional, denotando uma necessidade de subserviência frente aos homens (PAIXÃO et al., 2015).

Tais ideações contribuem para a manutenção das mulheres em relações opressoras, dificultando o rompimento do ciclo da violência, o que acaba por ser transmitido e difundido ao longo das próximas gerações (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016). Muitas vezes, os familiares não sabem lidar com as situações de violência por desconhecimento das redes de ajuda e proteção à mulher, incutindo nas mesmas a necessidade de manutenção dos relacionamentos mesmo diante de um crime, como visto nos depoimentos abaixo:

[...] minha filha apanhava muito do marido, ele bebia e usava droga, ela chegava aqui com as marcas roxas, eu perguntava o que tinha acontecido, mas ela nunca falava nada e eu não podia falar, eu não me metia, ela ficava apanhada [...] **Selene 1ª Ger.**

[...] me separei em função da violência psicológica, aquele relacionamento abusivo do cara tá te traindo, então me permitir viver isso e escuto muito entre minhas primas e minha mãe, todo homem é assim, você não vai ter ninguém [...] **Nice 2ª Ger.**

[...] minha tia era agredida pelo marido. Saía de casa e vinha para casa de minha avó, ele vinha bater aqui e depois de alguns dias ela voltava para casa, por que ele era marido dela, a gente não podia fazer nada [...] **Perséfone 3ª Ger.**

Evidencia-se que, as experiências de violência decorrem da violência de gênero, ou seja, simplesmente pelo fato de ser mulher. As mulheres de diferentes gerações demonstram nas suas falas uma submissão em relação à figura masculina no seio da família, revelando menor empoderamento social pela posição de poder e força atribuída aos homens (ELIAS; GAUER, 2014).

Nota-se então que, o modelo androcêntrico que permanece incutido nas vivências cotidianas entre familiares associado à influência midiática, possibilita que as mulheres naturalizem as situações de violência e acabem transmitindo as outras mulheres (ROMAGNOLI; ABREU; SILVEIRA, 2013). Assim, as mulheres de distintas gerações reproduzem pensamentos e atitudes machistas entre si, como revelado nos discursos abaixo:

[...] meu vizinho brigava muito com a mulher, chamava de várias coisas, coisas terríveis, agora se isso é considerado violência, vai depender do momento, da raiva, apesar de saber de tudo nunca me intrometi, eles são casados [...] **Bia 1ª Ger.**

[...] hoje em dia, as mulheres não querem nem saber, dizem que vão para tal lugar e se o marido disser que não, elas não querem saber se vão ficar juntos no outro dia, elas são mais teimosas, sem saber que o homem é a cabeça [...] **Héstia 2ª Ger.**

[...] teve uma amiga que apanhou, apanhou não, em uma festa ela ficou alterada e o namorado alterado também. Ela bateu na cara do namorado e o namorado deu um muro nela, e aí no final ela falou que mereceu, são dois pesos e duas medidas, temos que ver [...] **Hera 3ª Ger.**

Verifica-se que, as depoentes culpabilizam a figura feminina pela situação de violência vivida, tendo dificuldade em reconhecer o machismo nos seus discursos (SOUZA, 2015). Além disso, observa-se que as mulheres idealizam as relações conjugais, familiares e sociais como puramente afetivas, adquirindo essa herança de valores e atitudes ao longo das gerações (BRANCAGLIONI; FONSECA, 2016).

Por outro lado, identifica-se um número cada vez maior de mulheres que conseguem romper com o ciclo de violência em virtude do seu crescente empoderamento financeiro, emocional, cultural e social associado às políticas públicas e as redes de enfrentamento à violência no país (BANDEIRA, 2014). Para tanto, torna-se fundamental operar cada vez mais com as relações intergeracionais sobre a violência contra a mulher. Isto pode se dar em três momentos: o primeiro consiste no aprendizado de todo o contexto da geração precedente; o segundo momento, analisar a construção da identidade de cada geração e sua relação com as ascendentes e descendentes; e o terceiro momento, perceber a imposição das gerações mais jovens sobre as novas maneiras de se ver e viver o mundo (MOREIRA; NASCIMENTO, 2012).

Nesse sentido, entende-se que as percepções sobre a violência contra a mulher transitam positivamente ou negativamente no decorrer das gerações. Observa-se

que, a 1ª geração naturaliza mais fortemente a violência contra a mulher, pois foram ensinadas sobre a subordinação aos homens nas relações familiares e conjugais como destino imutável. Por sua vez, a 2ª geração começa um processo de ruptura sobre os constructos da geração predecessora em decorrência do novo cenário social com inserção da mulher no mercado de trabalho, surgimento de programas e políticas públicas no enfrentamento à violência e maior empoderamento feminino. Na 3ª geração, evidencia-se a maior mobilização contra o fenômeno da violência, pois estas mulheres cresceram imbuídas dos aspectos da sororidade, da formação das redes de proteção e enfrentamento, da criação dos órgãos de apoio judicial além do contato com as tecnologias midiáticas para o combate ao crime (COMAZZETO et al., 2016).

Dessa maneira, as mulheres das gerações mais jovens influenciam as antecessoras a se empoderarem gradativamente e repudiar as diversas formas de violência vivenciadas no cotidiano, como apresentado a seguir:

[...] já passei por uma situação, uma secretária minha foi agredida e apareceu na minha casa cheia de hematomas no rosto e eu a conduzi até a delegacia para denunciar o indivíduo que tinha feito aquilo com ela... no caso foi o marido [...]

Deméter 1ª Ger.

[...] vivi com meu ex-marido que por ciúmes, um ciúmes doentio, não me deixava sair, não deixava estudar, me agredia verbalmente. Aí eu dei um basta e fui embora de casa [...]

Íris 2ª Ger.

[...] já vivi e enfrentei, sem medo. Aconteceu que meu namorado, me pegou a força, me chamou de vagabunda, não aguentei aquilo, enfrentei essa situação e terminei com ele [...]

Afrodite 3ª Ger.

Nota-se ainda que, as primeiras gerações acabam por revelar situações de violência física, fatos mais comuns na época em que viveram. Por sua vez, as novas gerações caracterizam a violência física, mas reconhecem outras modalidades como o assédio e o abuso, resultado da influência midiática e da criação de órgãos e instâncias de denúncia.

Evidencia-se que, as distintas gerações sinalizam um avanço no que tange ao constructo da violência contra a mulher, quer seja por parte da influência paterna ou materna, o que é revelado nos depoimentos abaixo:

[...] minha mãe sempre dizia a meu pai: apanhar não, não aceito. Então, isso ficou em mim, as coisas que minha mãe falava [...]

Bia 1ª Ger.

[...] meu pai dizia que em mulher não se bate, não se deve nunca levantar a mão, porque eu e minhas irmãs iríamos ter que aceitar? [...]

Artêmis 2ª Ger.

[...] minha mãe falava muito que mulher tinha que ser respeitada, ter sua independência e não aceitar de maneira alguma qualquer tipo de violência, de agressão. Mulher não merece isso [...]

Afrodite 3ª Ger.

Constata-se que, as experiências e/ou vivências de violência contra a mulher ancoram-se no modelo patriarcal, sendo fundamental atuar sobre esse fenômeno no intuito de proteger às mulheres de diferentes idades e estratos sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, as percepções de mulheres da mesma família e diferentes gerações sobre a violência são influenciadas pelas construções sociais de gênero e por trajetórias históricas e culturais que modificam as ideologias.

Evidencia-se que, as mulheres compreendem a violência de maneiras distintas no decorrer de suas gerações. Observa-se que, as mulheres da 1º geração naturalizam mais a violência e carregam normas, condutas e marcas das vivências com as mulheres das gerações predecessoras. Nota-se que, as mulheres da 2º e 3º geração tentam romper com valores e comportamentos de submissão feminina transmitidos pela família e ao longo das gerações, tornando-se mais empoderadas socialmente.

Por fim, entende-se a importância no desvelamento das percepções de mulheres da mesma família e de diferentes gerações no enfrentamento desse grave problema de saúde pública. Não basta desenvolver estratégias para conhecer, coibir ou enfrentar esse fenômeno no âmbito individual. Torna-se necessário, trabalhar com as questões familiares e geracionais que contribuem para a naturalização da violência entre as mulheres, dificultando que tal problemática seja expurgada do âmbito social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elisa; MAGALHÃES, Andrea Seixá; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Transmissão Geracional da Profissão na Família: Repetição e Diferenciação**. Rev Psico, v. 45, n. 4, p. 454-62, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/15344-78382-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.
- AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque et al. **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011)**. Rev Econ Sociol Rural, v. 51, n. 4, p. 745-64, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/resr/v51n4/a07v51n4.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. Rev Sociedade e Estado, v. 29, n. 2, p. 449-69, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/08.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466/12**. Brasília (MS): 2012.
- BRANCAGLIONI, Bianca de Cássia Alvarez; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa. **Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração**. Rev bras enferm, v. 69, n. 5, p. 946-55, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n5/0034-7167-reben-69-05-0946.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- COMAZZETO, Letícia Reghelin et al. **A Geração Y no Mercado de Trabalho: um Estudo Comparativo entre Gerações**. Psicol ciênc prof, v. 36, n. 1, p. 145-57, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0145.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2017.
- COSTA, Marta Cocco; LOPES, Marta Julia Marques; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. **Representações sociais da violência contra mulheres rurais: desvelando sentidos em múltiplos olhares**. Rev Esc Enfermagem USP, v. 48, n. 2, p. 214-22, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/>

pdf/reeusp/v48n2/pt_0080-6234-reeusp-48-02-214.pdf. Acesso em: 20 mai. 2017.

ELIAS, Miriam Freitas; GAUER, Gabriel José Chittó. **Violência de gênero e o impacto na família: Educando para uma mudança na cultura patriarcal.** Sistema Penal & Violência, v. 6, n. 1, p. 117-28, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/16637/11629>. Acesso em: 18 nov. 2016.

GARCIA, Leila Posenato et al. **Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência.** Cad saúde pública, v. 32, n. 4, p. 1-11, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n4/1678-4464-csp-32-04-e00011415.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

GOIS, Dalva Azevedo. Famílias: **Aportes teórico-metodológicos para o debate no âmbito do Serviço Social.** Serviço Social e Saúde, v. 13, n. 2, p. 189-204, 2014. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/download/8634900/2798&gws_rd=cr&ei=A18gWdZggBLABJaCnlgM. Acesso em: 20 mai. 2017.

GONÇALVES, Eliane. **Renovar, inovar, rejuvenescer: processo de transmissão, formação e permanência no feminismo brasileiro entre 1980-2010.** Rev bras sociol, v. 4, n. 7, p. 341-70, 2016. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/download/160/102>. Acesso em: 20 mai. 2017.

IBGE. **Censo demográfico, 2010.** [online]. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/4AG>. Acesso em: 16 nov. 2016.

JÚNIOR, Guilhardes de Jesus; CERQUEIRA, Ariene Bomfim; SOUZA, Paula Carine Matos. **As faces da violência doméstica e familiar enfrentadas pelas mulheres e as implicações da dominação masculina no contexto sul-baiano.** Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, v. 10, n. 14, p. 13-35, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Desktop/TCC/Artigos/2906-9940-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação.** 15. ed. São Paulo: Vozes, 2013. 184p.

MOREIRA, Michelle Araújo; NASCIMENTO, Enilda Rosendo. **A interseccionalidade família, geração e amamentação.** Rev Kairós, v. 15, n. 5, p. 191-208, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/user/Downloads/8941-37230-2-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/8941-37230-2-PB%20(4).pdf). Acesso em: 09 jun. 2017.

MOREIRA, Michelle Araújo et al. **Impactos da violência perpetrada contra adolescentes na qualidade de vida.** Arq ciênc saúde, v. 23, n. 4, p. 54-60, 2016. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/484>. Acesso em: 20 mai. 2017.

OLIVEIRA, Patrícia Peres et al. **Mulheres Vítimas de Violência Doméstica: uma abordagem fenomenológica.** Texto & contexto enferm, v. 24, n. 1, p. 196-203, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00196.pdf. Acesso em: 10 jun. 2017.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. **Mulheres vivenciando a intergeracionalidade da violência conjugal.** Rev latinoam enferm, v. 23, n. 5, p. 874-9, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n5/pt_0104-1169-rlae-23-05-00874.pdf. Acesso em: 18 nov. 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico.** 2. ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

RAZERA, Josiane; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; FALCKE, Denise. **Violência Doméstica e Transgeracionalidade: um estudo de caso.** Rev psicol IMED, v. 6, n. 1, p. 47-51, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5154960.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

RODRIGUES, Joice Meire; OLIVEIRA, Thiago Dornelas; SOARES, Gustavo Fonseca Genelhu.

Análise de gênero sobre as práticas de amamentação de três gerações: avó- filha- neta. Pensar Acadêmico, v. 14, n. 2, p. 91-9, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/21-119-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

RODRIGUES, Vanda Palmarella et al. **Relações Familiares no Contexto de Violência de Gênero.** Texto & contexto enferm, v. 25, n. 3, p. 1-9, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n3/pt_0104-0707-tce-25-03-2530015.pdf. Acesso em: 20 mai. 2017.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; ABREU, Leila Lúcia Gusmão; SILVEIRA, Marise Fagundes. **A violência contra a mulher em Montes Claros: análise estatística.** Gerais: Rev interinstitucional de psicologia, v. 6, n. 2, p. 282-97, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a10.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

SILVA, Juliana Guimarães; VALADARES, Fabiana Castelo; SOUZA, Edinilsa Ramos. **O desafio de compreender a consequência fatal da violência em dois municípios brasileiros.** Interface comun saúde educ, v. 17, n. 46, p. 535-47, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1801/180128561004.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SILVA, Lúdia Ester Lopes; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha. **Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013.** Ciênc saúde coletiva, v. 20, n. 11, p. 3523-32, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n11/1413-8123-csc-20-11-3523.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. **Mas o que é o amor? Representações Sociais em mulheres em contexto de violência doméstica.** Perspectivas em Psicologia, v. 19, n. 1, p. 162-78, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/30542/16627>. Acesso em: 28 mai. 2017.

TAVARES, Ana Carolina Cerveira; NERY, Inez Sampaio. **As repercussões da violência de gênero nas trajetórias educacionais de mulheres.** Rev Katálysis, v. 19, n. 2, p. 241-50, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v19n2/1982-0259-rk-19-02-00241.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

TOMASCHEWSKI-BARLEM, Jamila Geri et al. **Como Enfermeiros vêm exercendo a advocacia do paciente no contexto hospitalar? Uma perspectiva foucaultiana.** Texto & contexto enferm, v. 25, n. 1, p. 1-9, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n1/0104-0707-tce-25-01-2560014.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2017.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa de Violência 2012: Homicídios de mulheres no Brasil.** São Paulo, FLACSO, 2012. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/Mapa2012_atual_mulheres.pdf. Acesso em: 16 nov. 2016.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa de Violência 2016: Homicídios por armas de fogo no Brasil.** Rio de Janeiro, FLACSO/CEBELA, 2016. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em: 16 nov. 2016.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-047-6

